

Entre o púlpito e o prostíbulo: insólito e narrativa messiânica decadente em "A (des)importância do pau", de Renato Gouveia

Entre el púlpito y el burdel: insólito y narrativa mesiánica decadente en "A (des)importância do pau", de Renato Gouveia

Caio Vitor Marques Miranda

Doutor em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2023).

Coordenador do projeto de extensão "Língua(gens) em foco: horizontes críticos e decoloniais para o ensino".
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6741-4986>

E-mail:

caio.miranda@uenp.edu.br

Submetido em: 26/08/2025

Aceito em: 07/01/2026

Publicado: 31/03/2026

e-Location: 20026



ISSN: 2317-9945 (On-line)

ISSN: 0103-6858 (Impressa)

Caio Vitor Marques Miranda

Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Brasil.

Resumo

A literatura brasileira contemporânea tem se configurado como espaço privilegiado de confronto com as contradições políticas, sociais e morais que atravessam o país, especialmente em tempos marcados pela ascensão de discursos conservadores e autoritários. Nesse contexto, o presente artigo analisa o conto "A (des)importância do pau", de Renato Gouveia, pelo viés do insólito moral (ruptura social), propondo o conceito de "narrativa messiânica decadente" como chave interpretativa. O objetivo é demonstrar como a obra encena o colapso simbólico de figuras masculinas investidas de autoridade política e religiosa, cujos discursos de moralidade se dissolvem diante de seus próprios desejos reprimidos e contradições éticas. A narrativa, ao retratar o encontro de uma travesti com um deputado e um padre, mobiliza o insólito não como sobrenatural, mas como deslocamento do verossímil, construindo uma estética do grotesco e do banal que desnuda pactos de exclusão e a teatralidade da hipocrisia institucional. Essa análise se sustenta nas reflexões de Schøllhammer (2009), Gallego Cuiñas (2021), Alazraki (2001) e Garcia (2010), autores que fundamentam a compreensão do insólito, do grotesco e da função crítica da literatura no cenário atual.

Palavras-chave: literatura contemporânea; insólito. narrativa messiânica decadente; Renato Gouveia; crítica social.

Resumen

La literatura brasileña contemporánea se ha configurado como un espacio privilegiado de confrontación con las contradicciones políticas, sociales y morales que atraviesan el país, especialmente en tiempos marcados por el ascenso de discursos conservadores y autoritarios. En este contexto, el presente artículo analiza el cuento "A (des)importância do pau", de Renato Gouveia, desde la perspectiva de lo insólito moral (ruptura social) y propone el concepto de "narrativa mesiánica decadente" como clave interpretativa. El objetivo es demostrar cómo la obra escenifica el colapso simbólico de figuras masculinas investidas de autoridad política y religiosa, cuyos discursos de moralidad se disuelven ante sus propios deseos reprimidos y contradicciones éticas. La narrativa, al retratar el encuentro de una travesti con un diputado y un sacerdote, moviliza lo insólito no como sobrenatural, sino como desplazamiento de lo verosímil, construyendo una estética de lo grotesco y de lo banal que desnuda pactos de exclusión y la teatralidad de la hipocresía institucional. Este análisis se sustenta en las reflexiones de Schøllhammer (2009), Gallego Cuiñas (2021), Alazraki (2001), y Garcia (2010), autores que fundamentan la comprensión de lo insólito, de lo grotesco y de la función crítica de la literatura en el escenario actual.

Palabras clave: *literatura contemporánea; insólito; narrativa mesiánica decadente; Renato Gouveia; crítica social.*

INTRODUÇÃO

A produção artística brasileira contemporânea tem se configurado como um espaço privilegiado de confronto com as contradições sociais, políticas e morais do país. Em meio ao avanço de discursos conservadores, autoritários e excludentes, muitas narrativas têm se empenhado não apenas em denunciar tais impasses, mas em encená-los, dramatizando conflitos éticos, próprios de um tempo em que a intolerância frequentemente se disfarça sob o véu de valores familiares, religiosos e patrióticos.

É nesse horizonte que se inscreve o conto "A (des)importância do pau", presente no livro "Contos ilustrados por ilustríssimos ilustradores", de Renato Gouveia, autor ligado ao circuito de editoras independentes cuja produção é atravessada por uma estética dissidente que reposiciona o olhar crítico sobre corpos historicamente marginalizados. Na narrativa, uma travesti confronta diretamente figuras de autoridade — um deputado e um padre — em uma trama que, marcada pela ironia e pela crueza, expõe dinâmicas de opressão, apagamento e fetichização que atravessam a experiência trans no cotidiano. Sem suavizar o grotesco nem atenuar a brutalidade,

o texto revela os mecanismos simbólicos e institucionais que legitimam tais violências.

Ao tensionar esses encontros, o conto aciona o insólito não como manifestação do sobrenatural, mas como dispositivo de ruptura da ordem social estabelecida, especialmente aquela sustentada por valores cisheteronormativos e cristãos. O efeito insólito emerge do deslocamento dos pactos de verossimilhança e da associação entre o banal e o grotesco, provocando o leitor diante de situações que corroem a lógica do poder instituído e evidenciando a teatralidade da hipocrisia institucional.

Na literatura contemporânea, reaparece com frequência a figura do homem branco, conservador, casado, religioso, misógino e homofóbico, cujo colapso ético e simbólico vem sendo encenado em narrativas que revelam sua incoerência, seu desejo reprimido e a violência mascarada de virtude. É a partir dessa recorrência que neste artigo se propõe o conceito de "narrativa messiânica decadente", entendido como uma estrutura ficcional em que o poder masculino autoritário, ancorado em discursos religiosos ou políticos, fragiliza-se e implode diante da presença de corpos dissidentes.

Organiza-se o presente estudo em três eixos: no primeiro, analisa-se a construção da violência física e simbólica contra o corpo travesti na narrativa de Renato Gouveia – autor ainda não abordado/contemplado no cenário acadêmico; no segundo, discute-se o insólito como estratégia estética de desestabilização da ordem social e moral vigente; por fim, propõe-se o conceito de "narrativa messiânica decadente" como chave de leitura para se compreender uma configuração recorrente da literatura contemporânea, marcada pelo colapso de figuras tradicionalmente legitimadas.

Nesse sentido, a leitura aqui desenvolvida dialoga com a compreensão da literatura como forma de conhecimento e de intervenção simbólica na realidade social, conforme formulada por Antonio Candido, para quem, a obra literária, ao organizar esteticamente a experiência humana, torna visíveis tensões éticas e históricas frequentemente naturalizadas. Tal perspectiva não constitui o eixo teórico central do artigo, mas funciona como horizonte crítico que orienta a análise do conto, sobretudo no que diz respeito à exposição da hipocrisia institucional e à desestabilização dos discursos de autoridade.

INSÓLITO E NARRATIVA MESSIÂNICA DECADENTE: ANÁLISE DO CONTO

Renato Gouveia é escritor brasileiro vinculado ao circuito independente, cuja produção se insere no campo da literatura contemporânea dissidente. Sua escrita articula sexualidade, identidade e crítica social, colocando em cena corpos historicamente marginalizados e tensionando discursos normativos de gênero, religião e moralidade. No conto "A (des)importância do pau", essa perspectiva se manifesta de modo contundente ao expor, por meio do grotesco e do insólito, a hipocrisia institucional que atravessa figuras investidas de autoridade política e religiosa.

É nesse horizonte estético que se insere o conto em questão, texto que concentra de forma exemplar as tensões que atravessam a escrita de Renato Gouveia. Na narrativa, o personagem Eduardo Azevedo, deputado estadual, envolve-se em uma confusão no aeroporto, após fazer um comentário racista que acaba viralizando. Para fugir da pressão da mídia, ele vai para sua casa no interior, onde marca um encontro com uma garota de programa chamada Dani Surprise. Ao chegar, Dani percebe que seu cliente é o deputado e, durante o ato sexual, o mata acidentalmente ao aplicar uma técnica de pressão abdominal com as pernas. Depois, insere um pênis de borracha em sua boca e foge. No dia seguinte, a notícia da morte do deputado se espalha, e Dani assiste a tudo pela TV. No encontro seguinte, ela atende ao padre Tarcísio, com quem mantém uma conversa desconcertante sobre sexualidade, religião e gênero. Os dois fazem sexo, e Dani acaba confessando o assassinato. O padre a acolhe, sugere que ela busque perdão e a convida para a missa. Dani comparece e percebe que o sermão parece direcionado a ela. No final da celebração, é surpreendida por policiais na porta da igreja. Ao ser levada presa, vê o padre e grita por ele, mas ele a nega, afirmando não a conhecer.

Para analisar tal enredo, é interessante refletir sobre a literatura brasileira contemporânea, que, segundo Karl Erik Schøllhammer (2009), tem se afastado das representações miméticas do real para assumir o gesto de tensioná-lo, desconstruí-lo e reencená-lo como campo de conflito. Em vez de simplesmente espelhar o mundo, a ficção se transforma em procedimento crítico, instaurando fissuras na linguagem e nos regimes de verdade que sustentam o social. É uma literatura que se compromete com

a fratura, a ambiguidade e a desestabilização, promovendo, nas palavras do autor, um "choque da linguagem com o real". Nesse sentido, Schøllhammer (2009) afirma que a ficção não visa à representação fiel de um mundo, mas ao impacto, ao abalo da linguagem sobre a experiência sensível do presente. Mais do que refletir a realidade, a literatura torna-se uma intervenção, uma performance crítica da normatividade. Ela não busca ocultar a violência ou convertê-la em alegoria, mas expô-la em sua crueza, a fim de revelar os jogos de dominação inscritos na linguagem.

Essa definição se mostra plenamente aplicável ao conto "A (des)importância do pau", de Renato Gouveia. Ao longo da narrativa, o corpo da personagem Dani Surprise — uma mulher trans travesti — é encenado como território de disputa simbólica: entre desejo e repulsa, visibilidade e apagamento, fetiche e abjeção. Em lugar de construir uma personagem marginal como vítima passiva, o conto a reposiciona como agente de acontecimentos extremos, em especial no momento da morte do deputado Eduardo Azevedo, cujos traços de moralidade pública são expostos como simulacro. A cena do assassinato, carregada de ironia, ambiguidade e grotesco, é exemplar dessa ficção performativa. A morte se dá não por premeditação, mas como desdobramento de uma tensão acumulada no ato sexual, pois, conforme já comentado, após o falecimento, Dani insere um pênis de borracha na boca do político.

Essa cena do deputado constitui um dos momentos mais incisivos do conto, não apenas pelo choque que provoca, como pelo modo como a narrativa administra o tom com aparente naturalidade, evitando qualquer dramatização heroica ou trágica. O episódio se desenrola em um registro quase casual, em que o excesso não se manifesta por meio de grandiloquência, mas pela fricção entre o ordinário e o intolerável. Essa escolha estilística neutraliza expectativas morais e desloca o foco da violência física para a exposição da fragilidade simbólica da figura política, cuja autoridade se dissolve no instante mesmo em que o corpo falha, sem que a linguagem se apresse em justificar, explicar ou absolver o ocorrido.

O grotesco emerge, nesse contexto, menos como deformação espetacular do corpo do que como desajuste entre função, desejo e poder, condensado no objeto que estrutura a cena: o falo de borracha. Desprovido de qualquer aura simbólica positiva, o artefato opera como paródia material da virilidade que sustenta o discurso público

do deputado, convertendo-se em índice de sua inconsistência ética. Em vez de afirmar domínio ou potência, o objeto revela o caráter performático e precário da masculinidade normativa, funcionando como signo de uma autoridade sustentada por simulacros e pela negação sistemática do próprio desejo.

A morte, nesse sentido, não se apresenta como clímax moralizante, mas como efeito quase lateral de uma engrenagem discursiva em colapso. O desaparecimento do deputado não encerra o conflito; ao contrário, explicita a falência de um modelo de poder que depende da ocultação, da culpa e da violência simbólica para se manter operante. A narrativa recusa qualquer lógica de punição exemplar e desloca o acontecimento para o plano da ruína simbólica, em que a figura pública perde não apenas a vida, como a possibilidade de sustentar a imagem de legitimidade que a investia de autoridade social. A narrativa descreve:

Dani saiu debaixo dele depressa, como se um rato gigante estivesse no seu corpo. Incrédula, conferiu se ele estava morto mesmo. [...] Avistou um 'consolo' na mesa de cabeceira e, num impulso idiota, o colocou na boca do deputado. Esta parte, em específico, não contou ao padre (Gouveia, 2023, p. 128).

Esse gesto inscreve, no plano simbólico, uma inversão de poder contundente: o falo artificial substitui o falo simbólico, evidenciando a fragilidade da virilidade moral que o deputado pretendia encarnar. Como observa Schøllhammer (2009), a literatura contemporânea não se ocupa em ocultar a violência ou traduzi-la em alegoria, mas antes em expô-la em sua crueza, de modo a revelar os jogos de dominação inscritos na linguagem, e é precisamente isso que o conto realiza ao converter o corpo de Dani em chave de exposição da hipocrisia institucional que sustenta tais figuras públicas. A violência simbólica, contudo, não se restringe ao político: na segunda parte da narrativa, Dani se encontra com o padre Tarcísio, com quem estabelece um diálogo marcado pelo desejo e pelo estranhamento e, em determinado momento, o religioso, ainda que evasivo e constrangido, deixa transparecer que tem conhecimento de que Dani é trans, mas o faz de forma hesitante, olhando para o seu corpo e perguntando por que ela não havia retirado "aquilo", acrescentando que "as pessoas contam por aí" (Gouveia, 2023, p. 125), numa tentativa de justificar a própria curiosidade. Curiosidade esta que o padre confirma ao dizer: "Eu só estava curioso" (Gouveia, 2023, p. 125).

Nessa cena, a linguagem se revela novamente incapaz de conter o real, pois o corpo de Dani escapa aos limites da normatividade religiosa e coloca em evidência a impotência do sacerdote em articular seu desejo com sua crença; o que se constrói, com isso, é um campo de ambiguidade e de ruína moral, que, como sugere Schøllhammer, corresponde ao modo pelo qual a literatura atual insiste em expor “o real em seus limites, como ruído, excesso e falência da representação tradicional” (2009). Essa performance do real atinge sua culminância no desfecho do conto, quando Dani, após confessar o assassinato, é levada presa, e o padre — aquele que havia mantido relações sexuais com ela e a havia recebido como penitente —, em face da autoridade policial, nega-lhe publicamente, instaurando o gesto mais cruel de apagamento: “Dani foi algemada sem explicações e levada para o porta-malas da viatura. [...] Escutou claramente Tarcísio dizer: ‘Não faço ideia de quem ela seja’, e riu junto com os policiais” (Gouveia, 2023, p. 128).

Esse momento final da narrativa expõe de maneira contundente o mecanismo de exclusão simbólica operado pelas instituições, pois o mesmo corpo que, em segredo, instigara desejo e possibilitara a confissão, torna-se, diante da autoridade policial, indesejável, inominável e irrepresentável, denunciando, assim, o pacto de hipocrisia que se estabelece entre Estado, Igreja e masculinidade autoritária – pacto este que só se mantém pela negação pública do que em privado é reiteradamente consumido. Nesse sentido, como observa Schøllhammer (2009), a literatura performa o real para desnudar seus artifícios, suas zonas mortas e seus simulacros de verdade, e é precisamente o que o conto de Gouveia realiza, pois não se limita a representar a violência, mas a encena, dramatiza-a e desnuda-a, utilizando-se do corpo de Dani, que, embora marginalizado, assume o centro narrativo, produz ruptura e arrasta consigo o colapso simbólico das instituições que buscam discipliná-lo. Essa concepção encontra ressonância direta na leitura proposta por Ana Gallego Cuiñas (2021), em que a teorização sobre o insólito contemporâneo pode ser compreendida como desdobramento e aprofundamento desse gesto de fissura do real no interior da literatura atual.

Tanto Schøllhammer (2009) quanto Gallego Cuiñas (2021) convergem na recusa da literatura como espelho do mundo para, em contrapartida, defendê-la como

uma máquina crítica, um procedimento capaz de tensionar os pactos de verossimilhança e as formas estabilizadas de percepção, ainda que cada um o faça a partir de ênfases distintas: enquanto Schøllhammer privilegia o impacto sensível e a performance da linguagem como modos de desestabilizar a experiência, Gallego Cuiñas desloca o debate para o campo do insólito, entendido não como a ruptura de uma ordem, mas como emergência do disfuncional, do anômalo, daquilo que não se ajusta às engrenagens da normalidade. Em ambos os casos, o real aparece como uma superfície instável, permanentemente sujeita a rachaduras, e o texto literário se torna o instrumento que opera tais fissuras.

Entre os eixos que Gallego Cuiñas identifica na ficção latino-americana recente, o insólito ocupa uma posição central, na medida em que a autora redefine o conceito e o distancia do fantástico clássico, reposicionando-o como forma de ruptura com a naturalização do cotidiano e como dispositivo crítico de enfrentamento das estruturas normativas que se apresentam sob a aparência de estabilidade. Para a autora, o insólito contemporâneo se define pela disfunção do real, isto é, pela incapacidade de os marcos tradicionais de representação explicarem determinados acontecimentos; essa fratura perceptiva, então, funciona como um dispositivo político que obriga o leitor a confrontar zonas de sentido antes invisíveis ou naturalizadas (Gallego Cuiñas, 2021).

Tal compreensão dialoga diretamente com os postulados de Jaime Alazraki (2001), para quem o fantástico moderno já não exige a irrupção de outro mundo, mas sim a construção de zonas de incerteza dentro do próprio real. O que antes era separado entre o racional e o mágico passa a se fundir, criando um espaço de hesitação epistêmica e de crítica às estruturas conceituais dominantes. É o que Alazraki chama de “neofantástico”, no qual a narrativa não foca na provocação do medo, mas sim na inquietação e/ou na perplexidade, como se o real funcionasse como uma máscara que oculta uma segunda realidade.

A esse quadro se soma a contribuição de Flávio Garcia (2007), que compreende o insólito como efeito do grotesco exacerbado: aquilo que, sem abandonar os elementos do real, distorce-os, intensifica-os até o ponto da estranheza absoluta. Para ele, o insólito se constrói a partir de imagens que promovem deslocamentos morais e

cognitivos — “não o que é impossível, mas o que é intolerável” (Garcia, 2007). Esse “real intolerável” se manifesta de forma recorrente na literatura queer, sobretudo quando o corpo é palco de discursos cruzados entre desejo e repulsa, como é o caso de Dani Surprise.

Esse campo conceitual ilumina com precisão o modo como o insólito se inscreve no conto de Renato Gouveia, uma vez que a narrativa trabalha com elementos plenamente realistas — um quarto, um cliente, uma travesti, um deputado, um padre —, reposicionando-os de maneira a implodir as lógicas morais e políticas que tradicionalmente os sustentam, de modo que o insólito não surge de um exterior sobrenatural, mas sim da produção no próprio colapso do cotidiano e na deformação simbólica dos papéis sociais. A cena em que Dani pressiona o abdômen do deputado até a morte é exemplar, pois é descrita sem heroísmo e sem alegoria, mas com um desconcerto perturbador: “Ela apertava a lateral do corpo de Eduardo com as pernas, pressionando o seu abdômen. A princípio, parecia uma manobra comum do sexo, mas, aos poucos, Eduardo foi ficando roxo e seus pulmões também começaram a ser esmagados” (Gouveia, 2023, p. 128).

A naturalidade da linguagem empregada contrasta diretamente com a gravidade do gesto e evidencia que o insólito não decorre simplesmente do evento em si, mas da sua inserção na moldura do banal, como observa Gallego Cuiñas (2021), sendo justamente esse atrito entre o possível e o inaceitável o que desestabiliza o pacto de leitura, já que o corpo do deputado, antes sustentado como símbolo de ordem — virilidade, política, família —, converte-se em corpo inerte, frágil, ridicularizado. O gesto de Dani, ainda que não premeditado, assume força metafórica ao inverter a hierarquia simbólica, pois o poder masculino colapsa entre as coxas de quem, socialmente, deveria ser silenciada.

Outro momento em que se revela essa ruptura das normas sociopolíticas do real acontece no encontro entre a personagem e o padre, uma vez que o espaço da confissão, tradicionalmente reservado à redenção, converte-se em palco de confronto entre o desejo reprimido e a hipocrisia performada. O sacerdote, que hesita em nomear o corpo da travesti, deixa escapar que tem ciência daquilo que desestabiliza o padrão feminino, ao dar uma olhada no meio de suas pernas. Tal consciência,

aparentemente banal, carrega a força de um deslocamento simbólico profundo, pois o insólito emerge na própria linguagem: o sujeito que deveria atuar como guia espiritual vacila, hesita, tropeça na moral que encena diante da comunidade, e sua fragilidade discursiva se revela justamente na incapacidade de nomear e, portanto, de conter o corpo dissidente. Sendo assim, como afirma Flávio Garcia (2007), é no excesso do real que o insólito se manifesta, naquilo que, sendo plenamente possível, torna-se insuportável.

Essa operação se consuma de modo exemplar na cena final do conto, quando o padre, depois de ter acolhido Dani em seu quarto, escutado sua confissão e, inclusive, cedido ao desejo, curva-se diante da lógica normativa e decide apagá-la publicamente diante da força policial, negando a sua existência ao afirmar, em tom de cumplicidade com os agentes, que não a conhecia, rindo em seguida com eles como se a intimidade recém-compartilhada jamais tivesse ocorrido; esse gesto, ao mesmo tempo frio e performado, funciona como síntese brutal do mecanismo de exclusão que estrutura as relações sociais, pois a figura religiosa, que deveria zelar o acolhimento, converte-se em agente de apagamento e legitimador da violência institucional.

A negação final, portanto, talvez constitua o momento mais insólito da narrativa, não porque produza surpresa no leitor, mas porque expõe, de maneira crua e sem mediações, o funcionamento das engrenagens da exclusão, revelando que o corpo dissidente é tolerado apenas enquanto objeto clandestino de desejo, mas nunca reconhecido como sujeito de direito ou de memória. E é precisamente nesse ponto que o insólito cumpre a sua função mais radical, ao abalar o reconhecimento, corroer o pacto do verossímil e tornar visível a arquitetura que sustenta a invisibilização e o esquecimento.

A literatura contemporânea de autoria dissidente, como a de Renato Gouveia, não necessita recorrer ao sobrenatural para criar o efeito de estranhamento, pois o insólito é esculpido a partir dos próprios elementos do real: o corpo travesti, o desejo interdito do padre, o falo artificial colocado na boca do deputado morto, a gargalhada cúmplice da autoridade diante da negação — todos esses elementos operam como signos de um mundo em colapso, no qual as máscaras da moralidade já não se sustentam. A ruptura, nesse caso, não se dá por meio de uma irrupção fantástica, mas

por um deslocamento contínuo do centro para a margem, da norma para a falência do reconhecimento, da ordem para o desmascaramento de sua própria hipocrisia.

Essa crítica às instituições, inscrita de forma contundente no texto, remete a momentos anteriores da literatura brasileira, especialmente ao Realismo do século XIX, quando autores como Machado de Assis e Aluísio Azevedo já haviam exposto a corrupção de padres, políticos e chefes de família envolvidos em contradições éticas e hipocrisias sociais. A diferença, contudo, é que, na ficção contemporânea, essa crítica não aparece apenas como consequência do retrato fiel da realidade, mas como um projeto estético consciente, no qual recursos como o insólito e o grotesco não se limitam a acompanhar a representação, antes atuam para instaurar rupturas, implodir os pactos de normalidade e evidenciar, de modo implacável, a fragilidade das instituições que sustentam a ordem social.

Esse deslocamento do centro moral para a própria fratura tem favorecido o surgimento de uma estrutura narrativa recorrente na literatura brasileira contemporânea, que aqui se nomeia "narrativa messiânica decadente". O conceito descreve enredos centrados em homens investidos de autoridade religiosa, política ou familiar, cuja moralidade pública desmorona diante de seus próprios atos. Mais do que contradições individuais, trata-se de uma crise estrutural da masculinidade normativa, que, mesmo apresentada como guia espiritual da sociedade, não consegue manter a coerência entre discurso e prática.

A designação "messiânica" refere-se ao imaginário de salvação, pureza e liderança que envolvem essas figuras. Já o adjetivo "decadente" não indica um desvio pontual, mas um conjunto de decomposição simbólica: a falência da autoridade patriarcal conservadora, que se vê corroída por dentro, pelo desejo que não pode nomear, pela violência que dissimula, pela hipocrisia que alimenta. A literatura, ao capturar esse momento de desintegração, não o faz como denúncia panfletária, mas por meio da ironia, do grotesco e da exposição íntima do colapso performado como virtude.

A emergência dessa estrutura narrativa está diretamente relacionada à ascensão da extrema direita no Brasil a partir de 2017, quando discursos autoritários, religiosos e antipluralistas ganharam centralidade na arena pública. Com o

fortalecimento de figuras políticas que invocam Deus, família e pátria como trinômio inquestionável, consolidou-se também a estética de um novo moralismo — espetáculo de virtude que se alimenta do ódio ao outro, especialmente ao que escapa das normas de gênero, sexualidade e raça. A literatura, nesse cenário, tem respondido com narrativas que desconstroem esse moralismo por dentro: não o refutando frontalmente, mas encenando sua ruína simbólica por meio do enredo, da linguagem e do corpo. A figura do pai de família conservador, que prega valores cristãos enquanto trai a esposa com travestis, violenta afetivamente aqueles que deseja em segredo e reproduz discursos de ódio contra minorias enquanto consome o que supostamente condena — é o centro desse tipo narrativo. Não se trata de exceção: trata-se de um arquétipo que tem se repetido como sintoma e denúncia; e a literatura, ao explorar essa duplicidade, revela o insólito não como elemento sobrenatural, mas como aberração moral maquiada de normalidade institucionalizada.

Propor, portanto, o conceito de “narrativa messiânica decadente” é lançar luz sobre um conjunto de textos que vem assumindo o papel de desestabilizar os pactos simbólicos da masculinidade autoritária. Mais do que uma proposta tipológica, trata-se de uma chave hermenêutica para ler as estratégias de fratura que esses textos operam: ao encenar a contradição, expõem a encenação; ao desmascarar o messias, revelam a decadência como centro oculto do poder e, conseqüentemente, a literatura não apenas representa a falência da autoridade conservadora — ela a performativa, repete, distorce, implode.

Essa estrutura narrativa aqui proposta encontra no conto “A (des)importância do pau” sua materialização mais contundente. A figura do deputado estadual Eduardo Azevedo é construída a partir da duplicidade: publicamente moralista e conservador, frequenta cultos religiosos e ergue o nome de Deus em suas campanhas políticas. Privadamente, no entanto, é atravessado por práticas sexuais que contradizem frontalmente o discurso que sustenta. O conto não apenas denuncia essa incoerência — ele a encena com ironia, tensão e ruína.

A cena que retrata o encontro sexual entre Dani e o deputado revela a fragilidade da autoridade masculina, exposta ao ridículo, ao grotesco e ao colapso. Em determinado momento, o narrador relata:

Explicou a raiva e o nojo que foram sentidos com o corpo daquele homem em cima do seu. Um homem que lutava contra os seus direitos como mulher trans, mas, ao mesmo tempo, estava chupando o seu pau. Um político que dizia governar em nome de Deus, mas estava lá cometendo adultério em uma casa do interior comprada com dinheiro público (Gouveia, 2023, p. 128).

Esse fragmento torna evidente o colapso metafórico do falo enquanto centro de poder e de controle, pois a fragilidade do corpo masculino, a disfuncionalidade do ato sexual e a passividade do deputado, combinados, produzem um quadro de desintegração da autoridade viril, que aqui se converte não apenas em impotência literal, mas também simbólica; não há, na cena, qualquer resquício de heroísmo nem mesmo no gesto de violência intencional, mas apenas o desmoronamento paulatino de uma situação que, na falha do corpo, deixa entrever a falência da autoridade que ele pretendia representar.

O gesto subsequente à morte do político revela-se ainda mais expressivo, pois Dani, em um movimento que oscila entre o grotesco e o ritual cômico, insere um pênis de borracha na boca do cadáver, criando uma imagem brutal e, ao mesmo tempo, carregada de significação; o falo artificial, pendendo da boca do homem morto, opera como síntese visual e simbólica da decadência messiânica, uma vez que o poder masculino, religioso e político — condensado na figura do deputado — dissolve-se em paródia, de modo que o falo se mostra falso, a virilidade, meramente performada, e a morte, longe de adquirir contornos trágicos, assume um tom farsesco. É nesse ponto que o conto encena o colapso do "messias": ele não sucumbe pela ação de uma força oposta, mas é engasgado pela própria fantasia que sustentava sua autoridade.

A segunda encarnação dessa figura messiânica decadente se manifesta no padre Tarcísio, cuja presença amplia e desloca o campo da crítica, uma vez que a religiosidade, que, em princípio, deveria constituir-se como espaço de acolhimento, expiação e mediação espiritual, é transformada em lugar de desejo clandestino e de negação covarde. Nesse ponto, o diálogo entre Dani e o sacerdote torna-se exemplar, pois, atravessado pela tensão entre repressão e hipocrisia, deixa vir à tona a contradição de uma instituição que, ao mesmo tempo em que condena, consome o que pretende silenciar. Em um momento específico, o padre, sem conseguir nomear

diretamente o corpo da travesti, insinua o conhecimento de sua condição, faz referência vaga ao que “se comenta por aí” e procura justificar sua própria curiosidade com evasivas, ao passo que Dani o confronta, invertendo a posição de poder e obrigando-o a encarar a própria contradição; constrangido, o sacerdote hesita, desvia o olhar e se refugia em fórmulas genéricas de acolhimento, como se não soubesse como sustentar a situação que ele mesmo havia instaurado.

Sob tal perspectiva, a fragilidade do discurso moral se expõe em toda a sua precariedade, pois o padre não nomeia, não assume e não reconhece, revelando em sua atitude a presença simultânea da culpa, do desejo e da fuga. A cena constrói, assim, um universo de ruínas discursivas em que a linguagem vacila, o poder se desmancha e a autoridade religiosa, reduzida a um corpo envergonhado, esconde-se sob estereótipos gentis, incapaz de sustentar a santidade que encena diante da comunidade. O desfecho dessa trajetória, vale lembrar, se dá na cena final, quando Dani é presa e o padre a nega diante da polícia:

Mas Dani nem teve a oportunidade de escolher se esperaria o padre ou não. Na porta da Igreja, havia uma viatura policial, que parecia estar apenas esperando a missa acabar para entrar em ação, já que seria desrespeitoso deter alguém na casa de Deus. Dani foi algemada sem explicações e levada para o porta-malas da viatura. Neste momento, avistou o padre Tarcísio passando com sua batina e gritou: "Tarcísio! Me soltem! Tarcísio" (Gouveia, 2023, p. 130).

A negação pública do padre, ocorrida logo após a intimidade partilhada e a escuta da confissão, funciona como clímax da narrativa messiânica decadente, pois o messias não apenas cai, mas silencia e apaga, de modo que o corpo dissidente, que deveria ser acolhido no espaço da fé, é entregue e traído, e a cumplicidade, que parecia estabelecer-se no segredo, converte-se em violência simbólica; a gargalhada final do sacerdote, nesse sentido, não apenas é um gesto de traição pessoal, como constitui um verdadeiro ritual de restauração da ordem, uma reafirmação performada do pacto institucional que o conto, a cada cena, insiste em corroer.

Esses trechos evidenciam de forma inequívoca como “A (des)importância do pau” se estrutura a partir do desmonte sistemático de figuras simbólicas que se legitimam no discurso religioso, na autoridade institucional e na performatividade

moralista, pois Renato Gouveia não se limita a descrever a queda dessas figuras, mas a encena em sua obscenidade, em sua face grotesca, em sua impotência, construindo, com isso, a própria materialidade da narrativa messiânica decadente, que se consolida como forma de crítica estética dirigida ao autoritarismo normativo que, no Brasil recente, tem sido naturalizado e reiterado por diferentes grupos políticos.

A desmontagem simbólica operada pelo texto, contudo, não depende de reviravoltas narrativas espetaculares nem do recurso a artifícios extraordinários, pois encontra sua força justamente na capacidade de extrair do banal — o quarto, o lençol, o gesto de desejo, o silêncio cúmplice — uma cena de implosão ética. A virada narrativa não reside na morte do deputado em si, mas no que essa morte simbolicamente expõe: o colapso da retórica da moralidade performada, desnudando sua fragilidade. O mesmo ocorre com o padre, cuja negação pública da travesti, após o sexo e a confissão, revela que a santidade encenada não resiste à presença concreta do desejo, e é essa exposição da falência da autoridade masculina, construída sob os pilares da fé, da família e do falo, que constitui o eixo simbólico da narrativa messiânica decadente, transformando a literatura em linguagem da ruína e do deslocamento, capaz de implodir os próprios discursos que sustentam a ordem.

Gouveia se insere no conjunto de autores que, como observa Schøllhammer, buscam uma nova relação entre literatura e realidade. Não se trata de resgatar um realismo mimético ou documental, mas de explorar formas alternativas de fricção com o presente:

O que encontramos, sim, nesses novos autores, é a vontade ou o projeto explícito de retratar a realidade atual da sociedade brasileira, frequentemente pelos pontos de vista marginais ou periféricos. Não se trata, portanto, de um realismo tradicional e ingênuo em busca da ilusão de realidade [...]. Os 'novos realistas' querem provocar efeitos de realidade por outros meios (Schøllhammer, 2009, p. 53-54).

É precisamente essa aproximação que o texto de Renato Gouveia materializa ao exercer uma crítica do presente a partir da fratura do verossímil, do uso de uma ironia desconcertante e da exposição de um insólito que não se apresenta como sobrenatural, mas sim como camada perturbadora do cotidiano, de tal modo que a narrativa, nascida no cruzamento entre corpo, linguagem e política, rompe

deliberadamente com a tradição representativa para reconfigurar o gesto literário como espaço de presença, intervenção e denúncia simbólica.

Nesse sentido, como observa Schøllhammer, a literatura contemporânea desloca-se “à procura de um impacto numa determinada realidade social, ou na busca de se refazer a relação de responsabilidade e solidariedade com os problemas sociais e culturais de seu tempo” (2009, p. 15). Por sua vez, o conto de Gouveia realiza esse movimento de maneira exemplar, ao narrar, sem filtros ou mediações suavizantes, os escombros morais do Brasil recente, colocando no centro da trama uma travesti que confronta as engrenagens de exclusão simbólica e, ao mesmo tempo, expondo, em sua decadência íntima, aqueles homens que encenam publicamente a moralidade religiosa e política. Nesse gesto, a narrativa não apenas provoca desconforto no leitor, como gera efetivamente ruptura, corroendo os pactos de normalidade e revelando as fissuras do presente.

É interessante destacar que, curiosamente, todos os contos que compõem o livro se encerram acompanhados de uma imagem que funciona como espécie de comentário visual ou epílogo crítico das narrativas, instaurando uma camada adicional de leitura que articula texto e ilustração em um mesmo gesto estético e político. No caso de “A (des)importância do Pau”, a imagem que conclui o conto é precisamente a representação de um pênis ereto, firmemente segurado por uma mão, enquadrado por um halo circular de onde emanam raios luminosos, em uma clara alusão às iconografias religiosas cristãs que tradicionalmente reservam esse espaço de luz à cabeça de santos, mártires ou figuras divinas. Ao deslocar esse dispositivo de sacralização para o falo, a ilustração ironiza a centralidade da masculinidade e do poder fálico na cultura patriarcal, evidenciando como ele é erigido, sustentado e venerado como se fosse instância transcendental e inquestionável. A mão que sustenta o órgão, longe de ser neutra, denuncia que essa posição de centralidade não é natural, mas sim construída e mantida por práticas sociais, religiosas e políticas que legitimam a masculinidade como fundamento simbólico da ordem. Os raios que emanam do fundo reforçam a crítica, pois, ao mesmo tempo em que parodiam a sacralidade, revelam o caráter absurdo e grotesco de elevar o falo à condição de sagrado.

Assim, a imagem dialoga diretamente com a trama do conto, em que o corpo

da travesti Dani Surprise expõe a hipocrisia de figuras como a do o deputado e a do padre, homens que encenam publicamente uma moralidade religiosa e familiar, mas que, em suas práticas privadas, se deixam conduzir pelo desejo que pretendem reprimir. Nesse sentido, a ilustração não apenas sintetiza visualmente a crítica social inscrita na narrativa, como a amplifica, mostrando que o falo, sustentáculo simbólico de instituições que reprimem corpos dissidentes, é também um ícone frágil e profanado, cujo poder só se mantém de pé porque é ritualisticamente reiterado pelas mesmas instituições que dizem combatê-lo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidenciamos, a partir da análise do conto "A (des)importância do pau", de Renato Gouveia, que os elementos que tangenciam o conceito de "narrativa messiânica decadente" podem ser mobilizados como uma chave crítica para a compreensão de parte significativa da literatura brasileira contemporânea. Ao explorar os modos pelos quais figuras masculinas investidas de autoridade religiosa, política ou familiar entram em colapso diante de suas próprias contradições morais e de seus desejos reprimidos, o texto constrói uma verdadeira estética da ruína, encenada por meio da ironia, do grotesco e da crueldade simbólica. Nesse sentido, demonstramos como o conto tensiona os limites do verossímil e articula, na personagem travesti Dani Surprise, uma denúncia contundente da hipocrisia institucional e da violência simbólica produzida e legitimada por discursos normativos.

Ao explicitar essa estrutura narrativa como sintoma e crítica de um tempo marcado pela ascensão de discursos autoritários e pela reconfiguração conservadora dos valores sociais, reafirmamos também a importância de analisar a literatura contemporânea como um campo legítimo de produção de conhecimento e de enfrentamento simbólico. Embora ainda seja, em muitos contextos, marginalizada nos circuitos de prestígio e em parte do debate acadêmico, a produção atual — sobretudo aquela que emerge de vozes dissidentes e de selos independentes — tem elaborado uma linguagem vigorosa e insubmissa, capaz de desorganizar certezas cristalizadas e

de expor as fissuras do discurso hegemônico. Nesse contexto, o insólito não se limita a um efeito temático, antes se afirma como estratégia discursiva, como um modo de fazer a linguagem hesitar, falhar e confrontar o intolerável, desestabilizando os pactos de verdade que sustentam a moralidade performada por esses “messias” em decadência.

Por fim, retoma-se a concepção de Antonio Candido (2000), segundo a qual a literatura pode ser compreendida como um direito humano, justamente por possibilitar formas simbólicas de leitura crítica da realidade e de elaboração ética da experiência histórica. A perspectiva do crítico permite compreender que a potência da literatura não reside apenas em sua capacidade de representar o real, mas sobretudo em sua força de questioná-lo, deslocá-lo e reconfigurá-lo. Nessa direção, o conto de Renato Gouveia, ao tensionar os limites do corpo, da fé e da linguagem, realiza uma crítica aguda às formas de autoridade instituídas, de modo que legitimar a literatura contemporânea como objeto de análise não constitui apenas um gesto acadêmico, mas também um posicionamento ético, que reafirma o papel da arte na construção de uma sensibilidade capaz de reconhecer as ruínas do presente e de transformá-las em possibilidade de ruptura.

REFERÊNCIAS

ALAZRAKI, J. ¿Qué es lo neofantástico? In: ROAS, D. (org.). **Teorías de lo fantástico**. Madrid: Arco Libros, 2001. p. 265-282.

CANDIDO, A. Direito à literatura. In: CANDIDO, A. **Vários escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

GALLEGO CUIÑAS, A. Introducción. La cuestión de la literatura latinoamericana y española en el siglo XXI. In: GALLEGU CUIÑAS, A. (org.). **Novísimas: las narrativas latinoamericanas y españolas del siglo XXI**. Madrid: Iberoamericana Vervuert, 2021. p. 11-41.

GARCÍA, F. O “insólito” na narrativa ficcional: a questão e os conceitos na teoria dos gêneros literários. In: GARCÍA, F. (org.). **A banalização do insólito: questões de gênero literário: mecanismos de construção narrativa**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2007. p. 11-22. Disponível em: <http://www.sepel.uerj.br/a-banalizacao-do-insolitoo-questoes-de-genero-literario/>. Acesso em: 30 out. 2024.

GOUVEIA, R. **Contos ilustrados por ilustríssimos ilustradores**. São Paulo: Escaleras, 2023.

MIRANDA, C. V. M. **Ecos do fantástico na literatura latino-americana Contemporânea**: narrativas brasileiras e argentinas de autoria feminina (2015-2022). Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2024.

MIRANDA, C. V. M. Insólito moral, figuração messiânica decadente e direitos humanos no conto "Em nome da mãe e do filho", de Naiara Medeiros. **Revista DCS**, [s. l.], v. 22, n. 82, p. e3410, 2025. Disponível em: <https://ojs.revistadcs.com/index.php/revista/article/view/3410>. Acesso em: 6 out 2025.

SCHØLLHAMMER, K. E. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.